

Manifesto

LUDA

17 de junho de 2006

luda nunca foi,
pois não pensa em ser nada:
luda não quer ser
e pensa que todas certezas e identidades certas são espaços au-
toritários e de exclusão.
luda não é nem uma coisa nem a outra,
mas, antes mesmo de a fazerem ser, ela já terá significado muitas
coisas.

(luda-se!)

luda, por ludir, está sempre a caminho de não ser,
transitando nômade por entre as fissuras da normatividade.
luda não quer jogar, avacalha e reivindica as fissuras como contra-
espaços de voz.

(luda-se!)

luda nem mesmo está, luda foge.
e foge cotidianamente, pois conhece as regras e as parodia e as des-
perta.

se você olha, luda se desfaz,
pois ela é tudo aquilo que não é fronteira:
luda é um desvio gritante.

(luda-se!)

luda um dia já guardou seu inconformismo,
mas não aprendeu a se acostumar,
pois não acredita no quietismo de pensar e se esconder.
luda está sempre a beira de não fazer sentido
mas rejeita a loucura de separar vida e provocação, fazendo do dia
um distúrbio anti-sedativo.

(luda-se!)

luda ri. luda pensa que brincar é a melhor subversão,
e faz cócegas na violência.
luda não é um sacrifício:
luda é lúdica.
luda reluta em ser contável,
e não tem casa, cabeça nem membros.
luda é antes um corpo desorganizado e sempre em crise,
luda é o último estado de humor do capitalismo.